

Teatro Inominável experimenta

COMO CONTINUAR

Em companhia de Samuel Beckett

Numa criação de Andréas Gatto, Diogo Liberano,
Flávia Naves e Laura Nielsen

Com dramaturgia de Diogo Liberano unicamente a partir da reordenação das palavras escritas por Samuel Beckett em seu primeiro texto da publicação "Textos para nada"

Vozes e Situação: três entrevistadores (A, B e C) recebem em seu programa radiofônico alguém (D) que conseguiu continuar.

Rio de Janeiro, Novembro de 2017

Fora Nilcemar Nogueira! Fora Crivella! Fora Pezão!

FORA TEMER!

Muitas luzes iluminam o auditório.

Entra o convidado da noite.

C – Por fim!

B – Enfim!

A – Isso tem importância!

O convidado para.

D – Eu?

Os entrevistadores olham-se assustados.

A – Sim!

B – Sim!

C – Como não?

O convidado se aproxima e senta entre os entrevistadores.

C – Como continuar?

B – Como continuar?

A – Como?

B – Continuar!

C – Continuar como?

A – Como!

Constrangimento.

B – Alguém disse: você não pode ficar aí!

C – VOCÊ NÃO PODE FICAR AÍ!

B – Alguém disse e não pude mais, não pude continuar!

C – NÃO PUDE!

A – Eu podia ficar ali?

C – EU NÃO PODIA.

A – Não podia?

C – Eu podia? Não podia.

B – EU PODIA CONTINUAR?

A – EU NÃO PODIA!

C – Não podia?

B – NÃO! NÃO! NÃO! OH, COMO NÃO!

A – Assim, como continuar?

O convidado sente-se acuado.

D – Vou descrever o panorama\

C – Isso!

D – Vou descrever\

A – O panorama!

D – Não. Vou descrever o lugar\

C – Isso tem importância!

D – O topo, muito plano, de uma montanha, não...

B – De uma colina?

D – Colina, sim, mas tão agreste, tão agreste\

A – Basta! Como? Como? Como continuar?

D – Calma. Vou descrever o lugar: lodo à altura dos joelhos, imperceptíveis veredas de ovelhas, erosões\

A – Erosões?!

D – Erosões profundas!

B – Ora, isso não tem importância!

D – Isso tem importância. Erosões profundas. Era no vão de uma delas que eu jazia...

C – Como?

D – Eu jazia no vão.

Emudecem, desacreditados.

C – Belo panorama...

Olham-se sem saber como continuar.

D – Eu não devia ter começado\

A – Sim, devia!

B – Veio por quê?

D – Podia ter ficado no meu canto\

A – Não podia!

D – Aconchegado, aquecido, abrigado\

C – Não!

D – Por que não?

B – Você veio! Vou descrevê-lo\

D – Não!

B – Eu consigo!

D – Ora, não!

B – É simples!

D – Isso não tem importância!

B – Tem importância sim!

A – Deixe-o em paz!

C – Fique tranquila!

B – Ele. Ele é simples. Um corpo. Como se diz? Um corpo. Sinto o esforço que ele faz para não desistir. Isso é um modo para continuar! O esforço!

Aplaudem fervorosamente.

D – Não é.

Silêncio.

D – O esforço não é um modo para continuar.

A – Ora, isso me é totalmente indiferente.

B – Vamos, de pé!

C – Deixe-o em paz!

B – Não! Como continuar?

D – É simples.

A – Simples?!

D – É. Eu digo ao corpo: vamos, de pé! E sinto o esforço que ele faz para obedecer, como uma velha carniça caída na rua. Digo à cabeça: deixe o corpo em paz.

A – Estou longe dessas histórias\

D – Eu digo: deveria afastar-me do corpo, da cabeça, deixar que se entendam, que parem\

B – Não! Que parem não!

D – Eu posso deixar que parem!

C – Faz um esforço para continuar!

D – Eu posso continuar! E... Eu também posso não continuar.

B – NÃO! ISSO NÃO!

D – EU POSSO E POSSO NÃO!

C – Eu, eu, eu!... Ora, somos mais de um!

O entrevistado volta a se acuar.

A – Você devia ter ficado em casa!

D – Em casa?

A – Que voltasse para casa!

D – Minha casa?

C – “Eu também posso não continuar.” Ora!

A – Enfim, por fim, afinal de contas, como continuar?

D – Quem são essas pessoas?

Olham para o público.

B – Quem são elas?!

D – Seguiram-me?

C – Seguiram?

D – Me?

Olham detidamente para o público.

D – Acompanharam-me.

B – Está cansado?

D – Não é um simples cansaço, não estou simplesmente cansado, apesar da ladeira. Seguiram-me, acompanharam-me.

A – Não posso erguer os olhos para elas.

C – Que pena.

A – Eu veria seus rostos.

C – As pernas talvez?

D – O que podem ver de mim?

B – Como você fez para continuar! Isso!

A – Isso tem importância!

D – Como?

C – Talvez...

D – São os mesmos pensamentos, quero dizer, os mesmos...

B – Curioso.

D – Desde quando estou aqui?

C – Que pergunta!

A – Uma hora?

B – Como fez para continuar?

D – Essa pergunta...

A – Como?

D – Um: nunca procurei coisas extraordinárias, nunca variei muito, eu não teria aguentado.

A – Muito bem!

B – Outra pergunta: por que veio?

D – Sem resposta.

C – Sem resposta?

D – Sinto que tudo é ruído.

A – Foi por acaso?

B – Ou foi o destino?

D – Calma.

C – Por que veio?

D – Para ver, para mudar, não, a reboque de meus pés feitos para andar, vim para dar passos, para andar, foi por isso que vim.

B – O essencial!

D – Não posso mais ficar!

A – Calma!

D – Posso partir?

A – Não. Vejamos o que vem a seguir.

C – Qual é a sensação?

D – Meu Deus! Minha mãe!

A – Chegou sua hora!

D – Estou lá em cima e aqui embaixo, é assim que me vejo, estatelado, de olhos fechados, a orelha feito uma ventosa contra a turfa que suga\

A – Turfa que suga?

B – Estamos de acordo\

A – Todos de acordo?!

C – No fundo, desde sempre, de acordo\

D – O que é certo é poder tentar de novo.

Silêncio brusco entre todos.

C – Meu chapéu caiu!

B – Não tento mais compreender\

A – Nunca mais tentarei compreender, por ora estou aqui\

D – O que é certo é que logo mais não estarei aqui.

Os entrevistados estão perplexos com o convidado da noite.

D – Isso é continuar!

C – Meu chapéu caiu de novo!

B – É revigorante!

A – Sim!

B – Ora\

A – É revigorante!

C – Sim! Ora tentar, ora tentar de novo, ora em cima, ora embaixo, ora morto, ora sem resposta também!

D – Experimentei. Ora o mar, ora a montanha, muitas vezes foi a floresta, a cidade, a campina também, experimentei a campina também, me fiz de morto em todos os cantos, de fome, de velhice, assassinado, afogado, e depois sem motivo, muitas vezes sem motivo, de tédio, é revigorante.

B – Bom menino, quase sempre, no auge!

D – Jamais! Não seria tão bobo.

A – Como continuar? Ele diz: “experimentei”.

D – Sim, até o fim! E sempre atento\

A – Atento no cemitério no vão e em pleno temporal?

D – Fazendo companhia a mim mesmo!

C – Ele: um rochedo!

D – Segurando-me no colo\

B – (*emocionado*) Como meu pai!

A – Em pleno temporal?

D – Sim, fui meu pai e fui meu filho, fiz perguntas a mim mesmo e respondi o melhor que pude, me fiz contar a mim mesmo, noite após noite, me fiz contar a mim mesmo a mesma história, que eu sabia de cor ou...

A – Ou?

C – É revigorante!

D – Foi assim que aguentei, até agora.

B – E esta noite?

C – Como continuar?

A – Como continuar!

C – Esta noite. Como?

D – Mergulhados em nossos mundos. Cada um em seus mundos, com as mãos esquecidas, uma na outra.

A – Calados?

D – De mãos dadas.

A – Assim?

D – Tudo bem.

A – Uma na outra?

D – Esquecidas uma na outra.

B – Mergulhados em nossos mundos?

D – Calados. De mãos dadas. E esta noite de novo parece que vai bem.

B – Eu estou bem.

A – Eu também...

C – É REVIGORANTE!

D – Eu estou em meus braços.

C – Eu estou em meus braços.

B – Eu estou em meus braços.

A – Eu estou em meus braços.

D – Eu me seguro em meus braços.

C – Eu me seguro em meus braços.

B – Eu me seguro em meus braços.

A – Eu me seguro em meus braços.

D – Sem muita ternura.

B – Sem muita ternura?

C – Sem muita ternura\

A – Sem muita ternura!

D – Mas fielmente.

A – Fielmente.

C – Fielmente.

B – Fielmente.

D – Durmamos. Por tanto ter falado, por tanto ter escutado, tanto penado, por tanto ter brincado, durmamos\

A – De mãos dadas?

D – E calados.

As luzes se apagam.